

OS EVENTOS COMO ESPAÇO ESTRUTURANTE DA ÁREA DE COMUNICAÇÃO

Marcelo Henrique Souza Rodrigues¹

Resumo

A institucionalização do campo científico da comunicação no Brasil acontece a partir da ampla produção acadêmica de pesquisadores, que buscam promover a conexão entre pensadores desta teoria em constante construção, somada a diversos esforços e fatores.

Esta pesquisa propõe analisar a conexão entre os pesquisadores e os saberes produzidos nos eventos científicos realizados no país considerando as características estruturais para organização de um evento e a representatividade acadêmica que estes mesmos espaços passam a constituir a partir de seu histórico e reconhecimento entre os agentes do campo.

Palavras-chave: Eventos. Comunicação. Institucionalização. Campo. Político.

Um campo em construção

A produção de pesquisas depende das suas condições de produção e tem como base suas raízes como elemento científico, nunca no intuito de fechar num saber mas para continuidade de sua construção, pois na essência o saber não é estático nem definitivo. No campo acadêmico da comunicação partimos de um cenário composto por três frentes de atuação: a) o campo científico, que concentra as práticas de produção do conhecimento a partir da construção de objetos, metodologias e teorias; b) o educativo, que se refere as práticas de reprodução do conhecimento nas disciplinas ditas de comunicação no ensino

¹ Programa de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero marcelo_hsr@yahoo.com.br / mhsrodrigues@fcl.com.br

universitário; e c) o profissional, que se define pela aplicação do conhecimento de forma prática e que promove vínculos variados com o mercado de trabalho.

O exercício profissional do mercado de comunicação no Brasil nos fornece constantemente material que permite dimensionar as abordagens mais comuns, as mais aceitas e as que provocam rejeição. Este mercado conta com a atuação de um profissional proveniente de um ambiente de formação que reproduz saberes comunicacionais e promove a aproximação das práticas de mercado às pesquisas.

É claro que todos os campos de conhecimento se encontram, natural e inevitavelmente ‘em construção’ – na medida em que o processo do conhecimento envolve a contínua revisão de suas perspectivas e abordagens. É preciso especificar, então, que, quando nos referimos ao Campo da Comunicação como ‘em construção’ não estamos apenas afirmando esse truísmo. Mas sim que o campo se encontra em fase de constituição como disciplina acadêmica (BRAGA, 2004, p. 220).

A institucionalização do campo conta com estas pesquisas que compõe o cenário da construção do campo científico da comunicação a partir da ampla produção acadêmica de pesquisadores, que buscam promover a conexão entre os pensadores desta teoria em constante transformação, somada a diversos esforços e fatores.

Ao refletir sobre o estágio em que se encontra a formação deste campo é coerente compreender a constituição do pensamento comunicacional a partir de um núcleo relativamente consensual, de aceitação mais dominante ou generalizada, que percorre em direção às fronteiras, ainda indefinidas e abertas a interfaces de vocação interdisciplinar.

Sob esta perspectiva de pensamento, em um território vasto em dimensões territoriais e rico em aspectos culturais, temos uma elevada produção acadêmica brasileira com alta qualidade pelo volume de trabalhos desenvolvidos e pela alta qualidade conceitual das discussões e inquietações promovidas.

De fato, podemos até ter a influência de nossa multiculturalidade colaborando com o desenvolvimento de pesquisas que articulam com as mais variadas teorias e demais disciplinas mas me atento a observar como acontece a prática de compartilhamento deste

conhecimento entre os pesquisadores, em que momento há intersecções ou tensionamentos, especificamente nos espaços em que há a relação entre esses acadêmicos.

A reflexão que procuro desenvolver é sobre a conexão entre os pesquisadores e os saberes produzidos nos eventos científicos realizados no país considerando as características estruturais para a organização de um evento e a representatividade acadêmica que estes mesmos espaços passam a constituir a partir de seu histórico e reconhecimento entre os agentes do campo.

Os eventos na área de comunicação

Evento é um fato que desperta a atenção, podendo ser notícia e, com isso, divulgar o organizador. Para as relações públicas, evento é a execução do projeto devidamente planejado de um acontecimento, com o objetivo de manter, elevar ou recuperar o conceito de uma organização junto a seu público de interesse (CESCA, 2008, p. 20).

A pesquisa em comunicação conta atualmente com a facilidade de ser compartilhada digitalmente na academia, porém como a produção conta com um elevado número de trabalhos desenvolvidos há o desafio de garantir que todo este saber seja discutido, refletido, lido e estudado.

Segundo a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, fundação do Ministério da Educação que atua na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu, ambiente em que se realiza a pesquisa acadêmica nos níveis de mestrado e doutorado, os estudos de Comunicação no país estão dentro das Ciências Sociais Aplicadas I e se distribuem em 69 cursos, sendo 45 mestrados, 23 doutorados e 1 Mestrado Profissional.

Uma oportunidade para que não aconteça uma dispersão desse conhecimento, assim como em qualquer relação interpessoal, está nos encontros presenciais entre pesquisadores. O contato efetivo entre pesquisadores pode ocorrer de diversas formas, nos estudos de campo, em sua grande maioria nos programas de pós-graduação, nos grupos de pesquisa, e

nos eventos científicos. Os congressos constituem uma oportunidade ao pesquisador para que além da atualização sobre temas e autores e do intercâmbio de opiniões, ele possa conhecer outros cenários e realidades que vão resultar em aprendizado, sem contar na rede de relacionamento que pode ser construída.

Há um potencial de interlocução nos eventos acadêmicos que os considero espaços representativos e estruturantes dos estudos de comunicação ao permitir o encontro de saberes e promover o compartilhamento de conhecimento. Representativos pois legitimam a qualidade e relevância de uma pesquisa desenvolvida, seja pelo autor ou pelo argumento apresentado. Estruturantes pois organizam a dinâmica de reflexão sobre a pesquisa, seja pelo recorte temático, pelo autor, pela região, pelo histórico de edições anteriores do mesmo encontro ou pelo formato de seleção dos trabalhos.

Como referência de espaços de interlocução, destaco dois eventos de abrangência nacional que fomentam a pesquisa de comunicação há algumas décadas: a) o Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, fundada em 12 de dezembro de 1977, em São Paulo, numa sala de aula da Faculdade Cásper Líbero, tem como objetivo fomentar a troca de conhecimento entre pesquisadores e profissionais atuantes no mercado a partir da produção científica; b) a Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, fundada em 16 de junho de 1991, em Belo Horizonte, tem como objetivo o fortalecimento e qualificação crescente da Pós-graduação em comunicação no país.

É nesse panorama em que ocorre a disciplinarização do campo comunicacional da comunicação por acontecer neste espaço o fortalecimento teórico ao englobar a sua produção científica (a partir das pesquisas desenvolvidas no meio acadêmico), a influência da atuação profissional (ao utilizar como repertório de observação para seu objeto o processo comunicacional presente no cotidiano e na atuação do comunicador) e a sua reprodução (considerando o ensino de comunicação que pressupõe o exercício de docentes pesquisadores no processo de formação).

O olhar de Bourdieu sobre Campo

A partir do olhar sociológico de Pierre Bourdieu é possível compreender o contexto discursivo na estrutura e funcionamento do campo científico pelo aspecto disciplinador do saber, constituinte e constituído, obtido nas produções à medida que o campo se estrutura e vai se estruturar epistemologicamente.

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar este campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias (BOURDIEU, 1997, p. 57).

Para o sociólogo há uma dinâmica de estruturação de relações no espaço e posições em disputa constante, é o exercício do poder em relações objetivas entre posições adquiridas. Há um mundo social de relação complexa entre as estruturas objetivas e construções subjetivas em que os agentes (aqueles que agem) sociais com suas diferenças e divisões existem de modo a construir o espaço social no individual e no coletivo, na cooperação e no conflito.

Nos eventos científicos, podemos identificar esta dinâmica de relações ao observar como age o pesquisador nesse panorama pois tem contato com o poder que percebemos mas não o vemos; é importante mas não é primordial; não está na estrutura e está no indivíduo, nas práticas.

Seja no procedimento ideal para desenvolver um artigo, na reflexão sobre a escolha de autores, no respeito que há na relação entre pesquisador e orientador, no critério de seleção de trabalhos para um congresso, na postura diante de uma arguição, na elaboração da agenda de eventos que se deverá comparecer, o pesquisador age conforme uma lógica peculiar de concorrência que exige um comportamento esperado, com capacidade técnica e política e outorgado pelo espaço acadêmico.

À medida que se ganha autonomia e há crescimento no acúmulo de repertório individual, a postura do pesquisador como agente nessa dinâmica será determinante no processo de seu reconhecimento pelo campo acadêmico, em que se poderá ou não ter a legitimação social pelo conjunto de outros cientistas, naturais concorrentes intelectuais, que poderão validar ou repulsar seu argumento discursivo.

Este fluxo de adequações conforme a aquisição de novas experiências, com potencial de transformação do agente, num espaço de posições fundamentado em distinções, na diferença das posições e na tomada de posição, configura o *habitus* do campo acadêmico ao traduzir a personificação da expectativa de práticas ao longo da trajetória intelectual do pesquisador.

Um das funções da noção de *habitus* é a de dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes (...). O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas.

Assim como as posições das quais são o produto, os *habitus* são diferenciados; mas são também diferenciadores. Distintos, distinguidos, eles são também operadores de distinções: põem em prática princípios de diferenciação diferentes ou utilizam diferenciadamente os princípios de diferenciação comuns.

Os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas (BOURDIEU, 2005, p. 22).

Ser distintivo num espaço só é possível se percebido por alguém capaz de estabelecer a diferença conforme um repertório de categorias e esquemas classificatórios para discernir e distinguir. Como numa estratégia internalizada de interesse calculado, a atuação do pesquisador percorre uma linguagem de práticas e signos distintivos que pressupõe afinidades e ausência de diferenças, que na academia indica a intenção e pretensão do grupo em garantir uma unidade conceitual e discursiva.

Numa cultura que une e segrega, as interações relacionais a partir do *habitus* exercem poder devido a possibilidade de aproximar e distinguir interações. Interessante observar como na interação entre os pesquisadores de comunicação durante um evento

científico eles exercem seus poderes perante condições discursivas tácitas que transitam entre controle e censura, a aceitação e a ruptura.

Os agentes chamados por Bourdieu de dominantes dedicam-se às estratégias de conservação ou de sucessão (através de seus discípulos) visando assegurar a manutenção da ordem científica com a qual se identificam. Essa ordem, a que ele chama de ciência oficial, não se reduz ao conjunto de recursos científicos herdados do passado que existem, no estado objetivado, sob a forma de instrumentos, obras, instituições, etc., e, no estado incorporado, sob a forma de hábitos científicos, sistemas de esquemas gerados de percepção, de apreciação e de ação (LOPES, 2001, p. 49).

A produção intelectual em um evento, constituída a partir do potencial dialógico do conjunto de pesquisadores, resulta em capital simbólico com uma força irreconhecível que transforma, valida, transfigura e transmuta as diferentes formas de capital ao legitimar apenas compatibilidades para obtenção de lucro simbólico, conforme uma lógica economicista de poder.

Seguindo os apontamentos de Bourdieu, o caminho a ser percorrido por um pesquisador para ter seu nome no índice de uma publicação acadêmica ou compondo a agenda de exposição de trabalhos em um congresso jamais dependerá de sorte. Conforme a noção de campo, o agente deverá atender a expectativa do *habitus* e consolidar capital simbólico ao longo de sua trajetória.

Foucault e a regularidade discursiva

Ao considerar o exercício de poder de cada agente como uma estratégia que está internalizada, como de forma inconsciente, segundo os apontamentos de Bourdieu, passamos a isentar o pesquisador da influência que ele efetivamente pode praticar conforme suas interações acadêmicas. Dessa forma, trago o argumento de poder para o filósofo Foucault para colaborar com esta análise a partir dos aspectos políticos do poder mobilizador no direcionamento de saberes que existe numa área.

Como um historiador do sistema do conhecimento, Foucault desenvolve seu trabalho analisando a disciplinarização dos saberes, ou seja, como a hierarquização e a distribuição do saber por um sistema de classificação determina a consolidação do capital intelectual vigente e, por consequência, a validação de práticas discursivas.

Para o filósofo não se tem poder, ele é aberto e exercido em rede para vantagem pessoal com um modelo de exercício descentralizado que circula em todos os espaços a cada tomada de decisão de um indivíduo, onde ele ao ter a capacidade de decidir ou impor escolhas deixa de ser agente e passa a ser sujeito.

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT, 1999, p. 183).

Organizar o conhecimento num agrupamento de disciplinas só é possível devido a premissa de poder vigente que assume como verdade a validação desses saberes. O saber legitimado em um discurso tem validade de verdade e passa a ser um dispositivo disciplinador que vai garantir a continuidade deste saber entre os sujeitos na relação entre iniciados e subordinados.

Ao retomar o olhar para a dinâmica de relação entre os pesquisadores em eventos científicos facilmente podemos identificar a ótica de poder Foucaultiana pela lógica presente na estrutura relacional entre dominantes e dominados, a partir de um controle vigente que se manifesta no discurso.

O discurso controla e regula as múltiplas relações a que o pesquisador é submetido em dupla exigência, pois deve ter um discurso de verdade e reproduzir verdades sucessivamente. Ele é composto de enunciados que conta de dispositivos que garantem a compatibilidade desses discursos ao criar a expectativa de disposição à elementos (físicos e

discursivos). Os dispositivos não mudam (dinâmica estrutural de um evento científico, por exemplo), o que mudam são os enunciados (elementos possíveis de alteração no evento, pesquisadores selecionados para apresentação de seus trabalhos, por exemplo).

No ponto de vista do autor, os discursos como verdade são os grandes responsáveis na sociedade pela fixação dos limites no exercício do poder. Dessa forma, acredito que na dinâmica estrutural da academia é possível identificar a construção da prática discursiva exercida pelo pesquisador com influência na consolidação do olhar de outro pesquisador a partir da linearidade dos discursos.

Considerações Gerais

A experiência de troca e compartilhamento de saber promovida nos eventos científicos no país nos conduz de imediato a uma análise positiva pelo caráter agregador e favorável ao fortalecimento da pesquisa em comunicação, sejam pelas oportunidades de exposições, de questionamentos, divulgação do trabalho de novos autores, confluência de ideias ou ruptura de paradigmas.

Este é um momento histórico particular porque vemos colocada a comunicação no centro da sociedade contemporânea e no seu próprio sentido. É nesse momento que residem as explicações mais plausíveis para a ‘explosão da comunicação’, a explosão dos cursos de comunicação e, principalmente, a explosão da importância dos estudos de comunicação. Estamos longe das enganosas explicações sobre as fantasias midiáticas dos jovens que fariam crescer vorazmente as faculdades de comunicação ou sobre a inespecificidade dos estudos de comunicação (LOPES, 2001, p. 55).

Com base no processo de institucionalização de pesquisas realizadas, considero para esta análise os eventos científicos como fator de grande influência de determinados pesquisadores na construção do campo da Comunicação e considerável relevância na efetiva aproximação de conhecimento.

A proposta foi avaliar na dinâmica acadêmica desta etapa de produção científica como se estabelece a composição do espaço para exposição de pesquisas a partir do exercício de poder presente no processo; seja com base em Bourdieu pelo aspecto de aproximação internalizada e estratégica entre agentes, entre campos e entre agentes e campos, que propiciam a elevação do capital simbólico e, por consequência, o lucro simbólico; seja com base na dinâmica normativa de Foucault em que o poder é exercido para controlar a disciplinarização e distribuição do saber.

Após uma breve análise do exercício do poder sobre os aspectos estruturantes de um evento científico, sem aprofundar numa análise qualitativa, é possível afirmar que ambas correntes dos autores citados estão presentes e de forma intrínseca estabelecem e determinam as expectativas de relação do pesquisador com seu trabalho desenvolvido.

Bourdieu provoca a reflexão para pontos macro da questão ao destacar atenção para o aprisionamento real do agente à dinâmica em que está inserido. Nos eventos em questão, há uma transferência do poder, reconhecida pelo campo, onde a personificação de práticas determinadas por aquele campo de estudo distingue a aceitação de pesquisadores conforme sua trajetória intelectual nos espaços construídos e conquistados.

Numa análise sociológica do campo intelectual, os congressos atuam como espaços legítimos para consagração ou exclusão de agentes conforme o *habitus* acadêmico vigente. A partir de uma avaliação de compatibilidades, com critérios em constante transformação, há uma adequação que atribui a consciência de posição de cada pesquisador no campo, de maneira que os que atendem esta expectativa, conforme uma sistema de disposições e percepções, agem de acordo com seu capital e poder simbólico e usufruem do seu lucro simbólico obtido.

Já Foucault conduz a reflexão conflitando dois mecanismos: o discurso de verdade existente na soberania e o mecanismo de coerção exercido pela disciplina. Para os estudos de comunicação os eventos científicos representam um conjunto de aparelhos, instituições e regulamentos que colocam em prática o exercício do poder nas relações da academia em suas múltiplas formas da dominação, seja pela imposição ou pela padronização disciplinar.

O processo de organização de um congresso colabora em todas as etapas como um reforço disciplinar no indivíduo desde a formação inicial do pesquisador até a estruturação do seu saber, do seu repertório de conhecimento, pois a sua validade como sujeito está diretamente relacionada a ideia de relação entre iniciados e subordinados. A validação deste saber legitima um conhecimento comunicacional, o diferenciando entre outros saberes, como em um sistema classificatório, a partir da construção de um discurso de verdade soberano que beira ao senso de justiça, uma lei.

Afirmar que a soberania é o problema central do direito nas sociedades ocidentais implica, no fundo, dizer que o discurso e a técnica do direito tiveram basicamente a função de dissolver o fato da dominação dentro do poder para, em seu lugar, fazer aparecer duas coisas: por uma lado os direitos legítimos da soberania e, por outro, a obrigação legal da obediência (FOUCAULT, 1999, p. 181).

Se positivo ou negativo, ambos cenários dialogam sobre uma possível compreensão da dinâmica de poder que o pesquisador de comunicação pode estar inserido em relação aos eventos acadêmicos. Estas conversações iniciais são questionamentos que desdobram numa pluralidade de interpretações e conduz ao desenvolvimento de uma análise com maior profundidade para avaliar de que modo esses eventos contribuem efetivamente para o avanço da pesquisa e do conhecimento da área.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. Campinas: Papyrus, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.

CESCA, Cleuza G. Gimenes. **Organização de eventos**. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

BRAGA, José Luiz. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. **Revista Contracampo**, Rio de Janeiro, n. 10-11, p. 220, 2004.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michael. **A arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. O campo da comunicação: reflexões sobre seu estatuto disciplinar. **Revista USP**, São Paulo, n. 48, p. 46-55, 2001.